

Mais proteção: seu vizinho pode ser um forte aliado

Uma iniciativa é a Vizinhança Solidária

LUCIANA JULIÃO

DA REDAÇÃO

Você sabe o nome de todos os seus vizinhos? Ou, quem sabe, de pelo menos um deles? Em um mundo cada vez mais dominado pela tecnologia, não é raro encontrarmos pessoas que moram lado a lado e mal se cumprimentam.

Mas, muitas vezes, essa aproximação pode fazer com que a segurança no seu bairro, condomínio ou prédio melhore. Este é apenas um dos objetivos do Programa Vizinhança Solidária, desenvolvido desde 2009 pela Polícia Militar.

O primeiro local a receber o programa foi o Bairro Itaim Bibi, na Capital. Tudo começou depois que um grupo de síndicos procurou a polícia para discutir medidas preventivas de segurança no bairro.

De acordo com o capitão PM Fabio Caetano Serbilera, chefe da Seção de Polícia Comunitária, o Vizinhança Solidária está presente hoje em diversos bairros de São Paulo e também em cidades da Grande São Paulo e do Interior. Entre elas, Santo André, Guarulhos, Itapeirica da Serra, Mogi das Cruzes, Suzano, Itaquaquecetuba, Campinas, Jundiaí, Bragança Paulista, Avaré, Franco da Rocha, Osasco, Barueri, Carapicuíba, Embu, Mogi-Guaçu e Marília. “Periodicamente, recebemos relatórios que contemplam o desenvolvimento do programa e os novos locais de implantação, mediante solicitação dos moradores da comunidade e seus representantes, ou através dos próprios policiais militares de cada região”, afirma o capitão.

Ainda segundo o policial, o objetivo do programa é incentivar uma mudança de comportamento no sentido de conscientizar os moradores e comerciantes para a importância da

solidariedade entre vizinhos. “Em termos de segurança, pode vir a ser uma ferramenta facilitadora do policiamento preventivo eficiente e eficaz, objetivando reduzir os indicadores criminais”.

EXEMPLO CAMPINEIRO

Essa mudança de comportamento foi bastante sentida por moradores de algumas ruas do bairro Taquaral, em Campinas, onde o Vizinhança Solidária foi adotado em agosto de 2012.

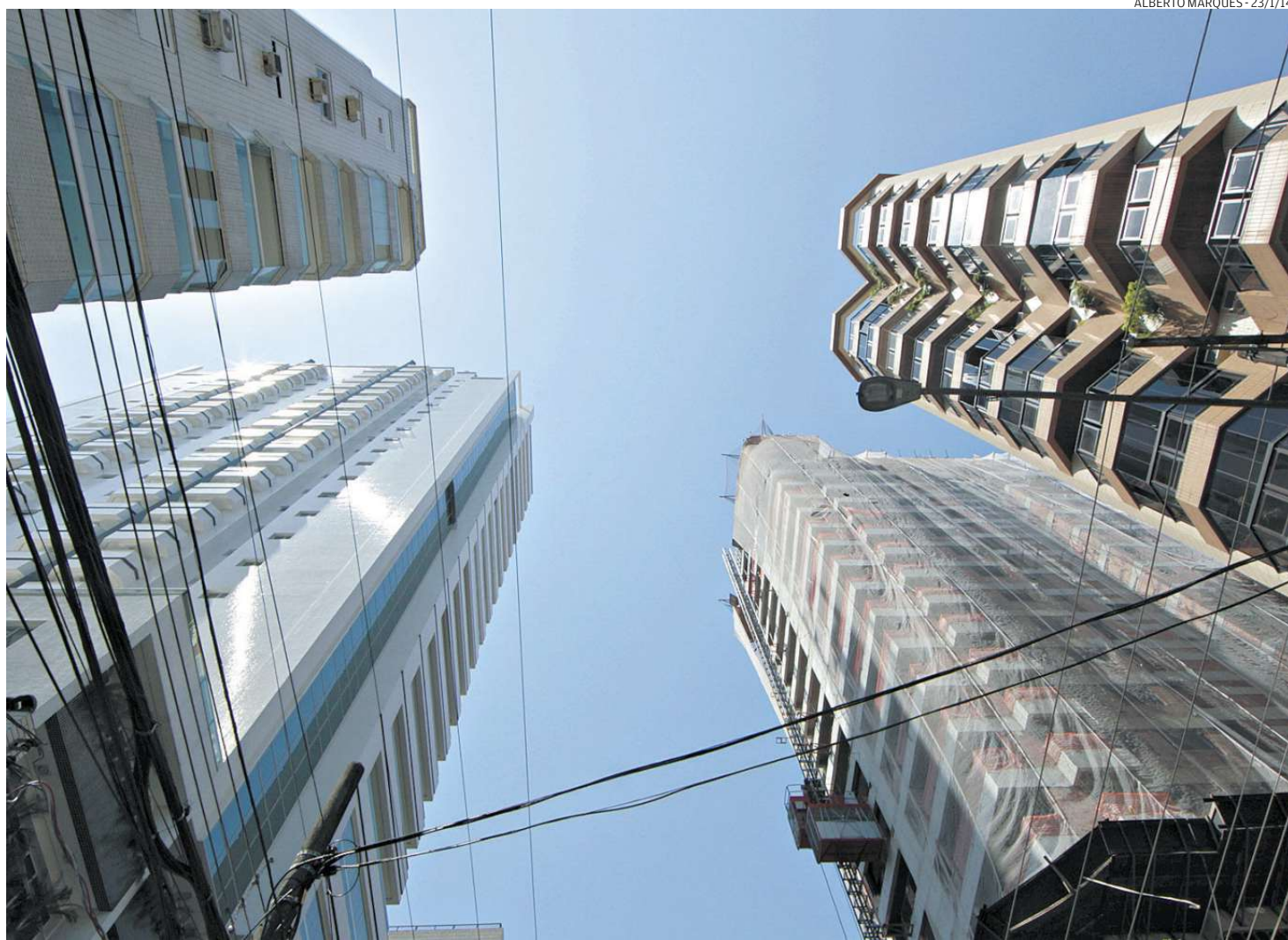
A iniciativa partiu de uma moradora antiga. “Estavam acontecendo vários assaltos. A gota d’água foi o sequestro de uma vizinha. Fiz um texto, espalhei pelo bairro e chamei todos para uma reunião. Minha casa lotou de gente que eu mal conhecia”, diz Viviane Bueno.

A empresária foi pesquisar para ver o que podia ser feito em segurança. Descobriu o programa e o Conselho de Segurança (Conseg). “Até então, nem sabia que existia Conseg. Começamos fazendo o cadastro dos moradores, com nome e telefone de todos, e instalamos placas pelo bairro com o nome do programa”.

Além disso, os moradores reforçaram a iluminação na entrada das casas, instalaram câmeras de segurança e também sirenes a cada dez casas. “Se alguém percebe algo suspeito, toca a sirene. É um alerta. O ladrão se assusta e vai embora. Compramos tudo em conjunto para diminuir o custo”.

O grupo criou também uma comunidade em uma rede social. “Avisamos quando vamos viajar e nos comunicamos diariamente”.

A criminalidade diminuiu logo no primeiro mês de implantação do programa. Hoje os assaltos quase não acontecem. A polícia militar está constante-



Prédios altos, apartamentos em profusão, isolamento. Há chance de a comunidade se reunir pelo bem de todos? Experiências mostram: sim



Em Campinas, criminalidade caiu logo no primeiro mês de introdução do programa. Quase não há roubos

mente fazendo rondas no bairro. Mas há outros benefícios decorrentes da iniciativa.

“Melhorou a segurança, mas o melhor de tudo é que hoje as pessoas se conhecem, viraram amigas. Se a gente culpar só o Estado, não vai adiantar. Já está ruim. Você tem que se importar com o seu vizinho. Um dia pode precisar dele”.

‘PEGA LADRÃO’

Um grupo de moradores da Aparecida, em Santos, fez algo semelhante. No início do ano, foram registrados diversos furtos a residências em algumas ruas do bairro. A primeira ação foi um vizinho socorrer o outro. “Gritavam ‘pega ladrão’ e íamos para a rua. Foi como começamos a conversar uns

com os outros e perceber a dimensão do problema. Várias casas já haviam sido invadidas”, diz o presidente do Conseg, José Carlos Nogueira.

Ele lembra que muitos moradores não se conheciam. Trocaram telefones e passaram a adotar algumas medidas de segurança, como instalação de câmeras de monitoramento e

alarmes.

Contaram também com ajuda das polícias militar e civil. Um dos bandidos foi preso em março. Desde então, os furtos não aconteceram mais. “O relacionamento é outro. Um vigia a casa do outro. Estamos mais solidários. Isso é muito bom: 24 horas alertas”.

Vila Santa Casa deverá sair do papel

DÉBORA PEDROSO

DA REDAÇÃO

Uma promessa feita há quase 20 anos poderá, finalmente, ser cumprida. O edital para contratação da obra do conjunto habitacional para as famílias da Vila Santa Casa foi publicado no último dia 16, no Diário Oficial de São Paulo.

A expectativa da Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano (CDHU), responsável pelo projeto, é de iniciar a construção no segundo semestre. “Não tenho outra alternativa. Tenho que acreditar, esperar e pedir a Deus que se resolva”, afirma a presidente da Associação dos Moradores da Vila Santa Casa, Aldenora Maria de Jesus.

A palavra é de quem chegou à comunidade no final da década de 1980. Deixou a casinha em Juazeiro do Norte (CE) para encontrar a filha, que já morava aqui há uns dois anos. Surpreendeu-se com o que viu quando chegou. Porém, não se conformou e ainda hoje, aos 77 anos, luta por uma moradia segura para as 100 famílias que ainda vivem em barracos na Vila Santa Casa.

Há 78 famílias que moram em apartamentos divididos em três conjuntos entregues nas administrações David Capistrano,



Conjunto habitacional será erguido no terreno em frente ao local onde vive a comunidade atualmente

no, Beto Mansur e João Paulo Tavares Papa.

PROJETO

O conjunto habitacional para os moradores da Vila Santa Casa levará dois anos e seis meses para ficar pronto. O projeto prevê a construção de um prédio de 12 andares com 133 unidades. Os apartamentos terão 54 e 58 metros quadrados.

A obra, orçada em R\$ 18 milhões, será erguida no terreno em frente à comunidade. A área onde estão as atuais palafitas será desocupada para dar lugar a um conjunto habitacional ou equipamento público.

INCERTEZA

“Será que vai sair agora?”. A pergunta é de Severino Vicente Ferreira, o Gibaba. Dos 65

anos de vida, passou 40 vivendo em condições precárias. Nos últimos 15 anos, morou em um alojamento construído também para outras 20 famílias. Lá, os apartamentos têm apenas um cômodo. Já cansou de promessas. “Aqui, só aparecem em época de eleição”.

A aposentada Valdeci da Silva Souza teme pelo futuro. A única renda que possui é o salá-



Severino Ferreira, o Gibaba, mora há 15 anos em alojamento: “Será que vai sair agora?”

rio mínimo e os trocados que ganha comercializando doces em casa. “Não posso pagar o apartamento e não tenho ninguém para me ajudar”.

Valdeci mora há quase três décadas em uma pequena casa de alvenaria de dois andares, com dois cômodos em cada pavimento. Teme que com a mudança perca até o pequeno comércio improvisado no local.

ACOMPANHAMENTO SOCIAL

De acordo com a Prefeitura, a

equipe de assistência social da Companhia de Habitação (Cohab) santista acompanhará as famílias antes da ocupação dos imóveis e também depois, por mais dois anos.

O plantão social será feito no próprio edifício, com o objetivo de dar suporte e acompanhamento da administração condominial. A Cohab também pagará por cinco anos o serviço de manutenção dos elevadores.

Voluntariado

A participação no Programa Vizinhança Solidária é voluntária. O interessado deve procurar a Companhia da Polícia Militar mais próxima, por meio do Conselho Comunitário de Segurança (Conseg) do bairro ou de alguma outra associação. No caso de estabelecimento comercial, a orientação é a mesma, mas é preciso preencher um requerimento de análise de risco de vulnerabilidade. De acordo com a Polícia Militar, em cinco anos de aplicação efetiva do programa, houve redução de crimes como furto, roubo, furto de veículo e roubo de veículo.